



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **PARTIZELAS, TENDILHAS E VARELAS.**

GUIMARÃES, Alfredo

Ano: 1921 | Número: 31

---

### **Como citar este documento:**

GUIMARÃES, Alfredo, Partizelas, tendilhas e varelas. *Revista de Guimarães*, 31 (1-2) Jan.-Jun. 1921, p. 24-29.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## PARTIZELAS, TENDILHAS E VARELAS (1)

---

Se o jugo é a primeira das peças ornamentadas do carro rústico minhoto, a partizela obtém o segundo lugar, podendo considerar-se a obra de ferro melhor decorada entre todos os exemplares da alfaia agrícola da província do Minho.

Três denominações lhes conhecemos, a saber: partizela (*Esposzende, Viana do Castelo e Famalicão*); tendilha (*Braga e Barcelos*); e varela (*Guimarães*). E' possível que mais alguma outra denominação possua, pois ainda não estudámos sôbre o assunto nenhum dos conceelhos vizinhos da serra, região onde tantas vezes o próprio carro difere, no seu tipo construtivo e decorativo (*Ponte da Barca, Arcos de Val de Vez e Terras de Bouro*) dês-te mais artistico e amplo carro da região dos vales.

E' a partizela ou tendilha ou varela, como dizem, um objecto obrado em ferro, pelo processo demorado da forja.

As suas formas são de um tradicionalismo arcaico, o qual se compreende ao primeiro exame.

Os seus ornatos, igualmente tradicionais e populares, despertam a atenção para o efeito dum estudo comparativo com outras e conhecidas manifestações das nossas artes pobres.

Relativamente à natureza da utilidade de semelhante trabalho, ainda esta nos interessa e serve de justificação da nossa maneira de ver sôbre a inspiração primitiva dos seus modelos.

E para fecho desta série de notas preambulares afir-

---

(1) Publicando o presente estudo necessitamos de declarar que o mesmo faz parte do nosso trabalho, em organização, sôbre *O carro rústico do Minho*.

maremos que a partizela ornamentada é exclusiva dos costumes rústicos de Entre Douro e Minho.

\*

Inútil se torna descrever o trabalho a forja do nosso ferreiro da aldeia. Todos sabem qual é a organização ou montagem da oficina; como se alimenta a borrarria; com que paciência se move o fole; que utilidade tem a pia de destemperar, e, inclusivamente, todos conhecem a ferramenta que em geral repousa ao redor do cepo sôbre que a bigorna está montada.

As formas da partizela, como se disse, são tradicionais; contudo, o ferreiro, da abundância dos modelos conhecidos, escolhe para cada parelha aquele que melhor o interessa.

Que manifestação de arte sugerem, pelo menos à primeira impressão, os modelos que damos em gravura?

E' singelo: as fivulas.

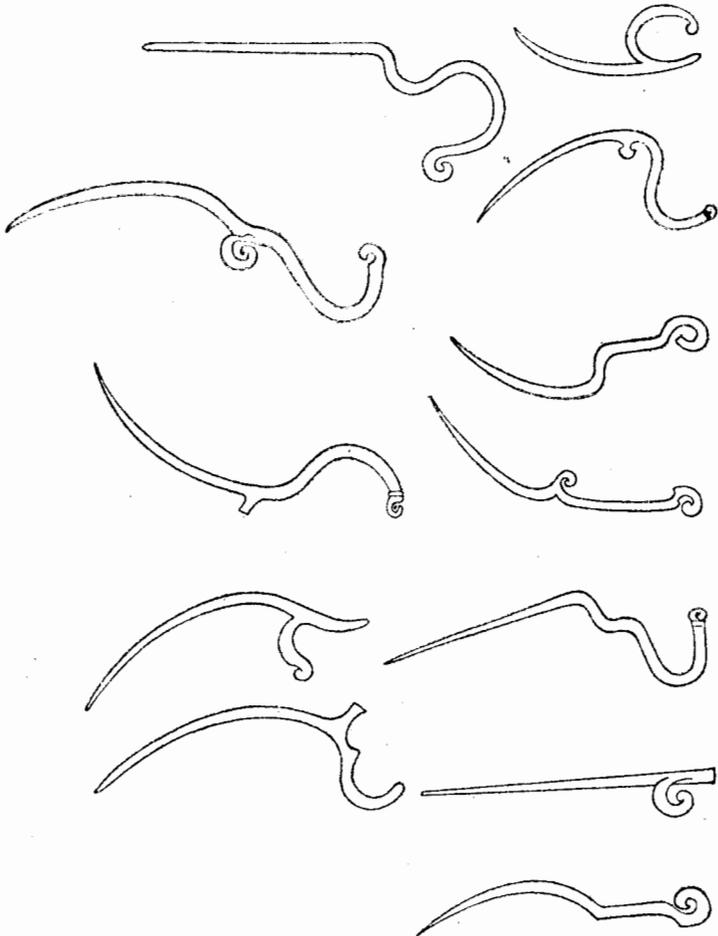
Com o simples emprêgo dum a outro extremo do maior número das partizelas ao prolongamento filiforme do arco, que orna praticamente as fivulas, tinha-se estabelecido a unidade característica entre dois objectos destinados a fins diferentes, embora desde o princípio de cada um ligados a um sentido de aplicação muito semelhante.

E' certo que as partizejas se obraram desde sempre em ferro, pelo processo do forjamento, quando as fivulas são objectos realizados em bronze e pelo processo da fundição. Não é menos certo ainda, que ao passo que pouco mais ou menos se pode determinar o período longínquo dos primeiros exemplares das fivulas, pelo contrário relativamente às partizelas, difficilmente, se não com absoluta impossibilidade, se pode indicar o período inicial da sua função.

Do que não há nem pode haver dúvida, porém, é da semelhança flagrante dos dois tipos artísticos; semelhança que agora vamos fazer avolumar indicando e comparando o objectivo a que um e outro se destinavam.

Era a fivula, como diríamos hoje, uma espécie de «alfinete de segurança» utilizado na compostura do vestuário; ou seja, um objecto aplicado a unir e suspender entre si duas partes paralelas e iguais de qualquer elemento de vestuário.

¿A que se destinava a partizela — destinava e destina — sendo a fivula, como era, um objecto de segurança? Era e é, a partizela, uma espécie de fivula destinada

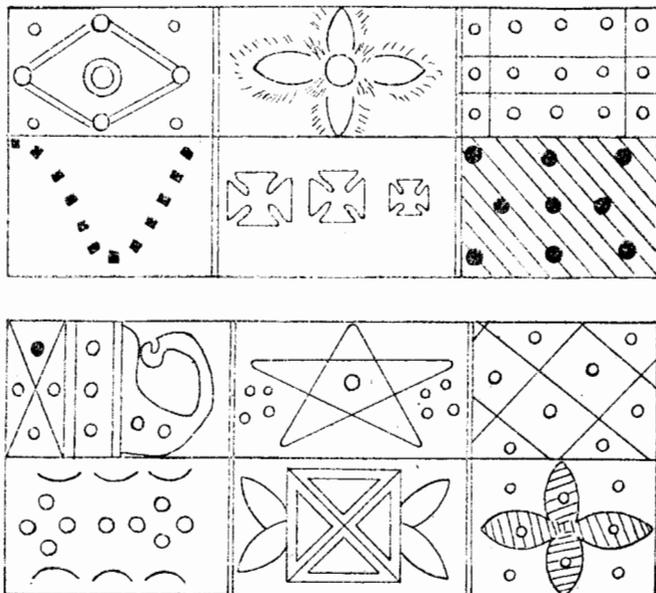


a apertar nos *arcos*, sôbre a cabeça dos bois e por detrás do jugo, as duas extremidades, também iguais, também paralelas, dos mesmos *arcos*.

Duas extremidades de vestuário que necessitavam de

serem ajustadas e duas hastes de *arco* que igualmente, e pelo mesmo espírito de utilização, precisavam de viver unidas, é tudo um e o mesmo assunto.

As formas, porém, são a razão mais forte d'êste problema, e cremos chegarem para entrarmos na convicção



de que, pelo menos, as fíbulas foram a fonte inspiradora não só do critério prático como também da elaboração artística das partizelas.

\*

Mas, para que precipitadamente se não diga que a origem das partizelas é porventura duma data recente, entremos agora na série de referências que nos sugerem os ornatos gravados nas partizelas, tendilhas e varelas da nossa grande província.

As que estudámos no litoral e nos vales do Minho, ou seja nas zonas mais intensamente decorativas da mes-

ma provincia, dão-nos elementos importantes e de sobejo merecimento etnográfico para podermos indicar que :

1.<sup>o</sup> — o pentagrama, entré nós conhecido por *signo-samão*, o qual documenta um dos ornatos apresentados, «é um sinal usado pelos germanos e celtas na antiguidade gentílica, o qual mais tarde serviu, gravado nas rochas, como preservativo contra o mal em geral, contra os pesadelos, e como meio d'esconjurar o diabo.» (1)

2.<sup>o</sup> — «o ornamento geométrico foi obtido por todos os povos; a diferenciação procede apenas do engenho com que restringiram ou multiplicaram as combinações, frustes ou complexas, limitadas a ângulos, paralelas, losangos e círculos, ampliadas ao xadrez, às espiras, às volutas, aos meandros e às gregas, e elevadas à sua máxima expressão pela sciência possível que os árabes alcançaram das linhas. Dos esboços artísticos mais simples e que constituem os elementos duma arte na infância, o fundamento é o ponto, a recta e a curva. Cortando-se duas rectas dão o ângulo, três, o trísclero; ângulos em série produzem o zigzague; opostos, simétricos, alternados e em zonas paralelas, são outros tantos motivos deduzidos dum mesmo elemento para com elas se variar infinitamente uma decoração que assim repousa nesta modesta essência.» (2)

3.<sup>o</sup> — estas mesmas decorações elementares, produzidas pelas filas de pontos ou por linhas em disposição paralela, que ou se distribuem em séries horisontais ou obliquam num sentido, ou ainda em sentidos opostos, originando zigzagues, ângulos, etc., são, como diz Rocha Peixoto, os mesmos elementos de decoração das loiças neolíticas, de várias olarias lacustres e dolménicas, da cerâmica gaulesa e da nossa de Briteiros.

(1) Ricardo Severo e Fonseca Cardoso — Estações Pre-Romanas da Idade de Ferro, in *Portugalia*, pág. 343; — *Verhan-alungen*, pág. 576, Dezembro de 1884.

(2) Rocha Peixoto — As olarias de Prado, in *Portugalia*, fasc. 2.<sup>o</sup>, pags. 249; — Felix Regnault — Essai sur les débuts de l'art ornemental géométrique chez les peupls primitifs, in *Bulletins* de la Société d'Anthropologie de Paris, VII, pags. 533-5.

4.º — e temos ainda que, nos nossos dias e sem contar já ou não referir de minúcia as estelas medievais, bem como os ornatos de certo monumento latino-visigótico de Portugal (Balsemão), as decorações que o ferreiro da aldeia aplica nas partizelas são aquelas mesmas, arcaicas, que ainda hoje se estilizam nas peças de olaria, nas medidas do sal, nos utensílios pastoris, nas rocas de fiar e nos próprios jugos.

\*

Não é pois a partizela um documento remoto? Mas por que motivo, em tal caso, o são as suas decorações?

Dado ainda que as decorações das partizelas nada tenham de comum e sob o ponto de vista histórico com os motivos artísticos atrás apontados, se essas decorações ou gravados não ajudam ou concorrem para uma classificação que as coloque em campo próximo de outras obras populares entregues a estudo no domínio da arqueologia, e como se explica então que, usando o ferreiro aldeão ornamentar quasi tôdas, se não tôdas as peças que fabrica para o serviço agrário, só nas partizelas utilize essa larga série de motivos, tornando-os um costume tradicional e exclusivo dessa mesma produção industrial?

Quanto a nós, a partizela é antiqüíssima, anterior, muito anterior ao jugo esculpido em madeira, e os seus motivos decorativos, copiados pelo vizinho do oleiro, do roqueiro e do jugueiro, ainda mais remotos.

Quinta do Atalho, Abril de 1921.

ALFREDO GUIMARÃES.